

André Luis Pereira

Análise das recomendações educacionais de Aristóteles

Curitiba

2013

André Luis Pereira

Análise das recomendações educacionais de Aristóteles

Monografia apresentada ao Curso de especialização em Filosofia da Educação do setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Junkes.

Curitiba

2013



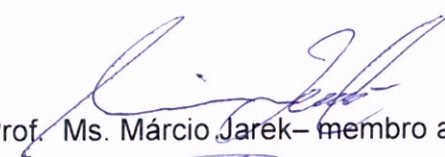
Universidade Federal do Paraná
Curso de Especialização em Filosofia da Educação:
Ética, Política e Educação – Setor de Educação.

Ata da Banca Examinadora de Monografia

Aos três dias do mês de outubro do ano de dois mil e treze, na sala 116, do Edifício D. Pedro I, campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná, às 16 horas, reuniu-se a Comissão de Avaliação de Especialização do Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação para arguir o aluno **André Luis Pereira** avaliar a apresentação de sua monografia: *A Análise das Recomendações Educacionais de Aristóteles*, apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação. A comissão esteve constituída pelos professores, Márcio Jarek, Gelson João Tesser e Dêlcio Junkes (orientador).

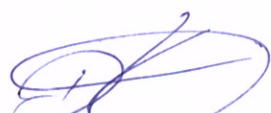
A comissão atribuiu ao trabalho escrito o grau 8,5 e à defesa o grau 8,5. A média final foi 8,5.

Nada mais havendo a constar eu, Dêlcio Junkes, presidente desta Banca do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos integrantes da Comissão Examinadora.


Prof. Ms. Márcio Jarek – membro arguidor


Prof. Dr. Dêlcio Junkes – orientador


Prof. Dr. Gelson João Tesser – membro arguidor


Prof. Dr. Dêlcio Junkes
Coordenador do Curso Lato-Sensu em Filosofia da Educação,
Setor de Educação - UFPR

Termo de Aprovação

Análise das recomendações educacionais de Aristóteles

Por:

André Luis Pereira

Monografia apresentada ao Curso de especialização em Filosofia da Educação do setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Gelson João Tesser – membro arguidor.

Departamento de Filosofia, UFPR.

Prof. Ms. Marcio Jarek – membro arguidor.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Junkes.

Departamento de Filosofia, UFPR.

Curitiba, 03 de outubro de 2013.

A felicidade é então o bem supremo, o que há de mais esplendoroso o que dá um prazer extremo; estas qualidades não podem ser dissociadas, tal como as encontramos no epigrama de Delos: O mais nobre é a justiça e o mais desejável a saúde;/ mas o que mais doce há/ é encontrar o que se ama.

Aristóteles

Dedicatória:

Dedico esse trabalho a minha esposa Simone, pela compreensão nos momentos de estudos e pelas sábias sugestões que sempre me auxiliam nos momentos mais difíceis. Também dedico essa obra ao nosso primeiro filho (a) que está para chegar. Que nós possamos educá-lo (a) para a excelência, que em sua existência busque sempre o caminho do meio em todas as suas atitudes. Que tenha uma vida plena e feliz!

Agradeço a minha irmã Ana (mãe do coração), que me ensinou valores importantes que busco seguir como ser humano e demonstrou-me também desde muito cedo a importância dos estudos, instruindo-me que o conhecimento é o bem mais valioso que um homem pode ter.

Cordialmente, agradeço também ao professor Delcio Junkes, que de uma maneira tranquila e segura apontou o caminho que eu deveria seguir para realização dessa monografia.

Resumo

O presente trabalho é uma análise das considerações educacionais de Aristóteles, o filósofo apontava que a educação deveria estar pautada por duas premissas fundamentais: a primeira que a educação deveria ser uma das principais preocupações de um governante e estar harmonizada com a constituição da cidade. A segunda que os cidadãos deveriam ser educados por meio, de atitudes éticas para que pudessem ter uma vida feliz. O texto também aborda o contexto histórico da educação na Grécia clássica no século IV a.C.; recomendações práticas que o pensador indicava para a formação das crianças e dos jovens do período.

Palavras chaves

Aristóteles, educação, política e ética.

Abstract

The present work is an analysis of the educational considerations of Aristotle, the philosopher pointed out that education should be guided by two fundamental premises: first that education should be a major concern of a ruler and be harmonized with the constitution of the city. The second citizens should be educated by means of ethical attitudes so that they could have a happy life. The text also discusses the historical context of education in classical Greece in the IV century BC; practical recommendations that the thinker indicated for the formation of children and young people of the period.

Key words

Aristotle, education, politics and ethics.

Sumário

1. Introdução	9
2. Os gregos e a educação.....	11
3. Educação para política	16
4. Educação para virtude	19
5. Educação das crianças recomendações práticas	24
6. Educação para jovens recomendações práticas.....	28
7. Considerações finais.....	32

1. Introdução

A educação é uma das principais preocupações do ser humano no decorrer do tempo, ou seja, como formar as crianças e jovens para serem bons seres humanos na vida adulta. A partir disso percebe-se a preocupação de pais, professores e responsáveis pelas crianças. Em como orientar bem seus infantes? Como colocar em prática uma educação com princípios éticos bem definidos para que a criança tenha uma vida boa e feliz?

Por isso, fomos nas raízes da história da educação com o povo grego que percebeu a importância de educar as novas gerações e tratou de institucionalizar essa educação com recomendações que partiam do nascimento até a vida adulta. O objetivo educacional na formação do homem grego era: o bom desenvolvimento físico e intelectual para poder atuar nas questões sociais e políticas da época, os gregos denominaram essa formação humana de Paideia. Contudo, seria impossível estudarmos todas as correntes filosóficas da Grécia Antiga e as suas recomendações em relação às questões educacionais. Por isso, optamos por analisar as recomendações educacionais de Aristóteles.

Aristóteles nasceu em Estagira, na Calcídia, no ano de 384 a.C., foi aluno de Platão em Atenas, fundador de uma escola filosófica chamada Liceu e professor de Alexandre Magno que governou um vasto império no século IV a.C., sendo divulgador da cultura helênica nos territórios dominados na Europa, no norte da África e Oriente chegando ao rio Indo no norte da Índia.

Desde já, adiantamos que o objetivo desse trabalho não é arranjar uma solução educacional para os problemas atuais da educação que são questões inerentes ao nosso tempo, mas buscarmos na história helênica e nas recomendações aristotélicas, reflexões sobre a formação educacional das gerações gregas.

Para Aristóteles, a educação de um indivíduo tinha duas premissas essenciais que era: primeiramente, desde o nascimento a formação do indivíduo deveria estar voltada para atitudes éticas e a segunda que a educação institucional deveria estar em harmonia com a forma de governo da

pólis e deveria ser oferecida pelo estado, pois era através de uma educação voltada a formação política que o homem podia alcançar a felicidade nas relações sociais dentro da cidade.

Por isso, Aristóteles destacava a importância da educação desde os primeiros momentos da vida de uma criança. Essa formação deveria ser pautada por virtudes, já que só o homem virtuoso poderia ter ações boas na polis para si e para os demais cidadãos. O filósofo acreditava que a educação adequada ao cidadão poderia transformar a cidade em uma verdadeira associação de amigos.

O pensador ressaltava ainda que a educação do indivíduo devia estar em total consonância com o sistema político da cidade, dessa maneira, os governantes deveriam fornecer uma educação conforme a constituição da cidade. No pensamento educacional do filósofo, qualquer antagonismo entre o sistema político e a educação gerariam graves problemas a cidade e aos cidadãos que nela habitavam, pois não se sentiriam representados politicamente, fato que levaria a discórdia e a infelicidade.

Essa seria a grande problemática de Aristóteles, como engendrar a educação pautada na ética e na política se a Grécia Antiga apesar de possuir princípios educacionais bem definidos, pelo menos em teoria, na prática sofria com alguns problemas repudiados pelo pensador como: crianças sendo educadas por escravos; presenciando péssimos hábitos dos adultos que podiam causar um efeito devastador no caráter da criança; educação extremamente militarista que tornava as crianças brutas como no caso de Esparta ou até mesmo o simples desleixo dos governantes com a educação das novas gerações.

A proposta do trabalho é perceber os antagonismos na formação educacional proposta por Aristóteles e a realidade da época, pois sempre a educação será fruto do seu tempo como já dissemos, por isso, não haverá um modelo ou cartilha que possa ser aplicada eternamente. Ao estudar Aristóteles entra-se em uma dupla jornada: em primeiro compreender as soluções apontadas pelo pensador na educação concernente ao período e em segundo procurar averiguar quais eram as premissas necessárias na formação do homem da Grécia Antiga dentro dos limites e possibilidades da época.

2. Os gregos e a educação

Na História ocidental o povo grego foi o primeiro a dar uma importância à educação com o objetivo de formar o cidadão. Essa preocupação demonstrava-se perceptível nas obras de Homero, que buscava resgatar um valor ao homem grego por meio de feitos grandiosos. Estas características acabavam sendo transmitida quase que de forma hereditária e oral as novas gerações, servindo já como um elo de identificação daquele povo.

Além da literatura homérica, a mitologia, a poesia, o teatro, a filosofia e os esportes foram verdadeiras ferramentas sociais para formação da cultura da civilização helênica que se disseminou por toda a antiguidade influenciando o Império Romano e posteriormente o Cristianismo.

Já que, os gregos possuíam essa cultura bem definida em diversos ramos que permeavam a vida do homem helênico, então surgiu a necessidade de educar as novas gerações pautadas por regras culturais bem estabelecidas, como se denota no trecho da obra Paideia:

Todo povo que atinge certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. (JAEGER 2010, p. 5)

De uma maneira geral não se pode descartar outras civilizações que desenvolveram avançada escrita, matemática, ciência e engenharia, como, os egípcios, mesopotâmicos, fenícios e hebreus, mas o escopo dessas civilizações era formar uma minoria de pessoas que dominassem a escrita, mas sem um objetivo de produção cultural reflexiva, pois esses indivíduos eram apenas reprodutores de ordens de seus governantes ou sacerdotes que produziam textos religiosos a população.

Inversamente, os gregos foram os primeiros a sistematizar a educação com o desígnio de formar o cidadão física e intelectualmente para atuar principalmente no campo político. A essa formação educacional os gregos chamaram de Paideia, que consistia na formação íntegra do indivíduo para a vida coletiva, ou seja, o princípio norteador da instrução do homem helênico era formulado do seguinte modo – uma boa ação se caracteriza em saber agir com que é bom para si e para o Estado.

Contudo, para os gregos o processo de educação era uma construção permanente em que desde cedo as gerações mais jovens deveriam ser instruídas da melhor maneira possível para atuar nas questões políticas da cidade. Como observou Jaeger:

Todo o futuro do humanismo deve estar essencialmente orientado para o fato fundamental de toda a educação grega, a saber: que a humanidade, o ser do Homem se encontrava essencialmente vinculado nas características do Homem como ser político. (JAEGER 2010, p. 17)

Porém, não se pode generalizar os contextos históricos da educação grega, afirmando que sempre o objetivo da educação grega era formar o cidadão através da Paideia, pois esse princípio foi uma construção que passou por vários momentos até adquirir as características descritas acima, logo denota-se que a educação do povo grego possui dois momentos históricos.

O primeiro momento influenciado por Homero quando o objetivo era a formação do nobre guerreiro, ou seja, o sujeito que por meio de sua coragem realizaria grandes feitos no campo de batalha. Essa característica se encontrava muito presente no espírito educacional espartano como se destaca no fragmento abaixo descrito por Finley:

Primeiramente, a ênfase recaía sobre o treinamento militar: o cidadão deve ser capaz de prestar serviço militar. Esse aspecto arcaico permaneceria sempre muito marcante em Esparta [...] (FINLEY 1998, p.212)

A partir do século VI a. C., primeiramente em Atenas e depois em todas as demais cidades gregas exceto em Esparta e Creta as preocupações militares vinham em segundo plano, pois a partir desse contexto as atividades cívicas eram mais importantes que o aspecto militarista, contudo, sem deixar abandonar as atividades físicas, a partir desse momento começou a se construir a noção de Paideia na prática, ou seja, a formação do indivíduo voltado para as atividades intelectuais da polis, e também com a preocupação da saúde corporal colocando em prática o ideal de corpo são mente são.

Após analisar o contexto da formação do princípio educacional grego, pode-se realizar uma breve análise dos sistemas educacionais das duas principais cidades-estados gregas que eram Esparta e Atenas com objetivo de

perceber, em que contexto e que exemplos educacionais Aristóteles pode testemunhar no século IV a.C. para poder discutir o modelo de educação que ele achava o ideal. Cabe destacar que é apenas uma análise, já que o filósofo afirmava que os dois modelos educacionais apresentavam problemas.

Esparta destacou-se pelo sistema educacional que ministrava, sendo fruto de estudos de Platão, de Aristóteles e posteriormente de Plutarco pensador romano. A Lacedemônia colocou em prática uma noção de educação engendrada com a constituição da comunidade, ou seja, como possuíam uma constituição aristocrática militarista a educação estava voltada a formar cidadãos que fossem guerreiros e que tivessem uma forte identificação com a organização social da cidade.

Devido ao caráter militarista a formação espartana era denominada de agogi, que em linhas gerais significa adestramento, pois o objetivo era formar o sujeito para ser um soldado e depois que o indivíduo estivesse dispensado do serviço militar então se preocuparia com as atividades políticas por volta dos 30 anos. Contudo essa participação política nas assembleias não estava aberta a discussões profundas sobre as necessidades da cidade. Eram assembleias que o cidadão participava apenas através do sim ou do não, as propostas eram definidas pelo conselho de anciãos, instituição essa que inclusive podia dissolver a assembleia ou revogar a lei aprovada por votação.

Atualmente esse sistema político nos parece ditatorial, contudo, buscava combater o individualismo observado em Atenas pós Péricles, que os cidadãos iam assembleia com o objetivo de defender seu interesse e não o da cidade.

Em Esparta, diferentemente, o objetivo principal era o interesse coletivo da cidade e a educação serviu como mecanismo para combater os interesses pessoais enfatizando que cada cidadão tinha sua função definida como em um acampamento, todos tinham sua obrigação na cidade de pertencer à pátria. Em linhas gerais essa era a Paideia espartana:

O fim do estado espartano era a Paideia, quer dizer, a estruturação da vida individual, baseada em princípios e sistematizada de acordo com normas absolutas. (JAEGER 2010, p. 114).

Evitando qualquer tipo de anacronismo histórico e apoiado na obra de Moses Finley, O Legado da Grécia Antiga, podemos ainda destacar que o ideal espartano poderia ter servido na década de 30 do século passado a ideologias antiliberais, como, o fascismo e o nazismo para que ajustassem a sua educação com o objetivo perverso da época de formar jovens ultranacionalistas, preconceituosos e belicosos. Como verificamos no relato a seguir:

(...) sistema que lembra as organizações destinadas a arregimentar o jovem nos modernos Estados totalitários tais como a Gioventù fascista e a Hitlerjugend. Particularmente neste último caso, não deveríamos tomar como certo que tenha havido imitação direta: a miragem espartana seduziu não apenas espíritos nostálgicos que resistiam ao triunfante progresso rumo à democracia na antiga Atenas, mas também homens de tendências antiliberais na Europa do século XIX e do início do século XX, principalmente na Alemanha, que rejeitou a evolução paralela de nossas próprias sociedades. (FINLEY, 1998, p 212).

Aristóteles, apesar de em alguns aspectos elogiar a educação espartana por estar adequada a constituição da cidade, por outro lado, acreditava que a educação da Lacedemônia brutalizava as crianças o que podia gerar traumas na vida adulta e ressaltava que uma educação voltada apenas às atividades físicas poderiam causar problemas físicos e aproximar os cidadãos aos escravos, pois estes sim dependiam do corpo para realização das suas atividades, já um cidadão na visão aristotélica deveria ter um cuidado com a saúde, por isso, os exercícios físicos, mas não em excesso, já que o mais importante ao cidadão eram as atividades intelectuais que gerariam a honra como a política e a filosofia.

Em Atenas, como já foi relatado, as preocupações com o militarismo vinha em segundo plano, porque a formação estava voltada a edificação do cidadão para a atuação na ágora. Contudo se manteve a formação física através da prática de esportes para saúde física e também o estudo da música, da escrita e da aritmética. Essas características de Atenas, que colocavam o militarismo em segundo plano refletem o período pacífico que a cidade viveu antes das guerras Greco Pérsicas e do Peloponeso, essas boas condições econômicas e políticas, explicam o surgimento da democracia e também uma educação voltada à retórica e a filosofia.

A crítica à educação ateniense está em relação às escolas baseadas no pensamento sofista que ensinavam a retórica aos alunos e isso seria um problema para a democracia, pois nas eclésias como eram chamadas as assembleias populares o cidadão poderia defender o seu interesse pessoal e não os interesses necessários a pólis.

Assim para o pensador, os governos que possuíam interesses comuns em defesa da maioria estavam constituídos em conformidade com os princípios da justiça, portanto, estruturados corretamente, mas os que possuíam interesses individuais dos governantes eram falhos.

O filósofo por estar ativo ao contexto da formação do homem grego serve-nos, como, uma fonte histórica para demonstrar a visão de educação, também como amparo filosófico para entendermos as recomendações educacionais que fazia ao povo grego, e porque não repensarmos os problemas atuais da educação, a partir das premissas propostas por Aristóteles. Nesse sentido vamos buscar analisar as recomendações educacionais propostas pelo filósofo.

3. Educação para política

Aristóteles apontava que a vida em uma pólis, ou seja, em sociedade levava o homem a buscar o maior bem possível que era a felicidade. Portanto, para o estagirita o homem era um ser político por natureza e que a existência humana fora da cidade seria impossível ao homem, podendo compará-lo a uma besta ou a um animal vil. O ser humano só poderia desenvolver suas potencialidades vivendo em sociedade.

Para poder afirmar essa natureza social do homem, o pensador utilizou-se da História grega e relatou que na origem, as cidades gregas, nada mais eram que comunidades familiares e com a união dessas famílias surgiu um sistema de regras (as leis) e também um sistema de governo.

Por isso, Aristóteles apontava que a educação dos indivíduos como fundamental para uma vida em sociedade e voltada a constituição da cidade. Segundo o exposto:

Pois visto, que cada família é uma parte da cidade e tais pessoas são as partes que constituem a família, e a virtude da parte está necessariamente em relação com o todo, é preciso que a educação das mulheres e das crianças se faça tendo em vista a constituição daquela cidade (sua forma particular de governo), se as virtudes devem fazer alguma diferença nas virtudes da cidade. E é claro que eles têm de fazer uma diferença: as crianças quando crescerem serão os cidadãos e as mulheres perfazem a metade das pessoas livres da cidade. (ARISTÓTELES 2011, p 77)

Para o pensador, a cidade era composta por pluralidades, ou seja, cidadãos composto por interesses diferentes e o que daria a unidade a cidade seria a educação. Assim a educação deveria ser voltada ao sistema político da cidade, para que o cidadão pudesse sentir-se representado pela constituição da polis e principalmente pelo sistema político da cidade.

Logo não adiantava os cidadãos elaborarem e sancionarem uma lei se essa não contemplasse o sistema constitucional da polis, então os cidadãos deveriam ser educados pelo hábito e pela constituição da cidade. Portanto, se a cidade for uma democracia os cidadãos deveriam ser educados para uma democracia, da mesma forma, serem preparados para um governo oligárquico se as leis forem oligárquicas, porém, se houvesse discrepância entre o

interesse dos cidadãos e a constituição, a cidade já passaria por problemas que poderiam levar a revoluções, devido a insatisfação do coletivo de cidadãos frente as leis da cidade. Assim ter sido educado adequadamente no espírito das leis da cidade implicava em:

Ora ter sido educado no espírito da constituição não é agir da maneira a adular os oligarcas ou democratas, mas sim agir de forma a permitir que os oligarcas governem de modo oligárquico e os democratas de modo democrático. (ARISTÓTELES, 2011, p 200)

Como se percebe com a citação acima, a manutenção do sistema de governo adequado à cidade dependia do consentimento dos cidadãos, deste modo, a constituição e o sistema de governo estavam engendrados com a educação da cidade. Caso a educação fosse falha, por consequência, o sistema político estava fadado ao fracasso.

Cabe salientar que o conceito de cidadania da atualidade, que consiste de forma geral a participação política de homens e mulheres de forma indireta, por meio, do voto era diferente no contexto da Grécia Clássica. Para os gregos e em particular em Atenas, a cidadania era de suma importância, pois era concedida apenas aos homens de preferência nascidos na pólis que tinham direito de participar das decisões da cidade de forma direta, no entanto, esse conceito variava de cidade para cidade.

Para o filósofo, o conceito de cidadão era o indivíduo que participava da administração da cidade por meio das assembleias em ágoras (praças públicas) ou ocupando cargos públicos. Como se denota no fragmento abaixo relacionado à cidadania:

Aquele que tem o poder de tomar parte na administração deliberativa ou judicial de alguma cidade, dizemos, que é cidadão daquela cidade, e falando em geral, uma cidade é um corpo de cidadão suficiente para atender às necessidades da vida. (ARISTÓTELES, 2011, p 115)

Pode-se perceber que a visão educacional aristotélica tinha como intuito formar esse cidadão para atuar na administração da cidade, assim sendo, uma

educação compatível com a constituição da cidade era de suma importância na visão do pensador para manutenção do sistema administrativo da cidade.

Outra situação apontada por Aristóteles para organização da sociedade grega e indispensável para liberar o cidadão para os debates políticos era a escravidão. Na atualidade o termo escravidão nos causa repúdio, porém, o pensador compreendia que para o livre exercício da política o cidadão deveria estar totalmente dispensado do trabalho, pois na Grécia Antiga o trabalho era visto como algo degradante que deveriam ser executadas apenas por pessoas desqualificadas pela falta de virtude e capacidade intelectual, para as atividades voltadas às decisões da pólis. Como se percebe a seguir:

Por natureza é assim o escravo: pode pertencer a um senhor (e de fato pertence), então participa da razão mais que o grau necessário para modificar sua sensibilidade, mas não possui a razão em sua completude. Quanto aos outros animais, eles não participam de nenhum modo da razão; sua sensibilidade não é dirigida pela razão, mas são conduzidos unicamente pelas impressões que recebem do exterior. (ARISTÓTELES, 2011 p. 61)

Outra temática importante para formação do cidadão segundo Aristóteles era a virtude, ou seja, como formar o cidadão com princípios éticos para uma vida virtuosa e feliz para atuar na cidade.

4. Educação para virtude

O filósofo além de indicar a educação como um meio para a ação política, também apontava a importância da educação para a edificação do homem virtuoso e feliz. Segundo nos remonta Reali e Autisieri:

[...] a felicidade da cidade depende da felicidade dos cidadãos individualmente, seria necessário tornar cada cidadão o mais possível virtuoso, mediante uma adequada educação. (REALI e AUTISSIERI, 2003 p. 210)

Para debater a virtude em Aristóteles nos pautamos pela obra *Ética a Nicômaco*. O pensador apontava que toda perícia, que pode ser designada tanto como uma atividade artística quanto uma produção técnica; todo o processo de investigação; todo o procedimento prático e toda a decisão levariam o humano a certo bem, que seria o alcance da felicidade. Mas, o filósofo percebia que o ser humano não é autossuficiente por natureza e que a felicidade deveria ser alcançada na coletividade nas relações com a família, amigos, e concidadãos, assim sendo, o indivíduo deveria ser educado para uma vida plena em sociedade por meio do uso da razão por toda a vida como se denota.

E parece estar correta, também, pelo fato de declararem que os fins extremos são certas ações ou determinadas atividades, porque, deste modo, o fim diz respeito aos bens da alma humana e não aos que lhe são extrínsecos. De resto, concorda com o sentido segundo o qual quem é feliz vive bem e age bem, porque se pode dizer que a felicidade é quase um viver bem e um agir bem. (ARISTÓTELES, 2009 p. 29).

Entretanto, só discerniria bem a uma determinada matéria se o sujeito fosse educado para isso, por meio de valores éticos as ações seriam boas e logo o indivíduo chegaria a uma vida feliz graças aos hábitos que recebeu no processo de formação. Porém, o autor percebe que para se chegar à felicidade o sujeito depende também de bens externos, por exemplo: bom nascimento,

bons filhos, beleza, amigos entre outros fatores que em primeiro momento eram indispensáveis na formação do cidadão.

A partir desses bens externos, o pensador apontava alguns caminhos para se chegar à virtude e por consequência à felicidade, descrito sinteticamente na sequência a seguir: aprendizagem ou habituação obtida pela disciplina, ou seja, agir por meio de virtudes éticas que se adquire por um processo de aprendizagem no qual o indivíduo deve agir pautado por ações boas e justas.

Mas a grande saída apontada por Aristóteles para agir de forma boa e justa estava pautada em duas premissas: primeira premissa no combate ao prazer que é natural ao ser humano, pois imbuídos pelo prazer agiríamos de forma vergonhosa e egoísta. A segunda premissa era evitar o sofrimento que nos afastaria das atitudes gloriosas. Logo, para o homem agir através de atitudes éticas era necessário evitar as ações baseadas nas paixões buscando pelo caminho do meio nas suas atitudes. O caminho do meio é um caminho para excelência. Como aponta o trecho a seguir:

Uma indicação das disposições éticas é dada pelo prazer e pelo sofrimento que acompanham as nossas ações. Por um lado, o que se abstém dos prazeres do corpo e nisso encontra motivo de regozijo é temperado; mas já o que se entedia com essa prática é devasso. Do mesmo modo, é corajoso quem resiste em situações terríveis e nisso encontra motivo de regozijo ou, pelo menos, não sente medo. Por outro lado, já é covarde o que nas mesmas situações sente medo. A excelência ética constitui-se, portanto, em vista de fenômenos de prazer e sofrimento. (ARISTÓTELES, 2009 p. 43)

Segundo Aristóteles, a excelência ética, que pode ser definida como uma disposição do caráter, pautada pela busca pelo caminho do meio nas atitudes e que os extremos dessas atitudes seriam o excesso ou o defeito nas ações.

Contudo, o pensador afirmava que o ser humano não nasce preparado para a excelência ele deve ser educado para isso desde os primeiros anos de vida e deve praticar essas ações, pois através do treino e da prática constante que o indivíduo desenvolveria a excelência. Inclusive o filósofo utilizou o exemplo do construtor de uma casa: que só se faz construtor construindo-as,

da mesma forma, o sujeito para se tornar justo deve praticar atitudes justas; temperados com atitudes temperadas e corajosos agindo com coragem.

O próprio estagirita defendia que agir por atitudes moderadas, por consequência, excelentes não era e não é fácil, pois a linha do meio termo é muito tênue e o ser humano estaria sempre levado agir ou pelo excesso ou pelo defeito, que seria quase que a omissão de atitudes, pois é natural que o ser humano aja pelo prazer nas atitudes, por isso, a importância de uma educação pela excelência que para Aristóteles deveria ocorrer pela orientação e exemplo. Esse trecho da *Ética a Nicômaco* nos parece bastante esclarecedor:

Foi então dito de modo suficiente que 1) a excelência ética é uma disposição intermediária e de que modo assim é; 2) depois, também, que a disposição intermediária entre duas disposições perversas, uma segundo o excesso, outra segundo o defeito; 3) finalmente, que a disposição intermediária é assim por visar alcançar o meio tanto nas afecções como nas ações. É por isso que encontrar o meio é uma tarefa séria. É trabalhoso encontrar o meio em qualquer coisa, tal como encontrar o meio do círculo não é para todos, mas só para quem sabe. (ARISTÓTELES, 2009 p. 54)

O pensamento de Aristóteles na obra *A Política*, e na obra, *A ética a Nicômaco*, praticamente convergem na mesma direção: na primeira o objetivo é o de formar o homem político sintonizado com o modelo de governo de sua cidade para atuação na *ágora*. Na segunda obra o homem político deve também ser ético e virtuoso, sendo tarefa primordial do estado em oferecer uma boa formação educacional aos cidadãos:

Ou seja, os legisladores tornam os cidadãos bons cidadãos habituando-os agir bem – é este de resto o seu propósito. E todos os legisladores que não tiverem em mente esse propósito erram. É nisto, precisamente, que se distingue uma constituição política boa de uma má. (ARISTÓTELES 2009, p. 41)

No decorrer da educação o indivíduo deveria ser treinado e habituado para escolher o belo, o vantajoso e o agradável evitando o feio, o nocivo e o desagradável. Inclusive Aristóteles cita Platão no ideal de educação “[...] fazer

gosto no que se deve ser e a sentir desgosto pelo que não deve ser. É essa a educação correta.” (ARISTÓTELES, 2009, p. 44).

Contudo, uma educação ética pautada em valores é uma construção constante. Por isso, os educadores eram de suma importância para orientar as crianças e jovens. Desse modo os pais e ou os professores deviam estar preparados para conter os desejos e demonstrar por meio do hábito e pelo treino o caminho para ações baseadas na prudência. O educador além de ensinar deve também ser um modelo para criança. Como na citação abaixo:

É por isso que os desejos têm de ser moderados e pequenos nada pode contrariar o sentido orientador. Um tal estado é obediente e está dominado – tal como a criança deve viver sob o comando do educador, assim também deve ser a dimensão do desejo de acordo com o sentido orientador. Por isso, a dimensão do desejo do temperado deve ser uníssono com o sentido orientador. O alvo de ambos é a beleza. E o temperado deseja o que deve e como deve e quando deve: assim comanda o sentido orientador. Seja isto o que foi dito por nós acerca da temperança. (ARISTÓTELES, 2009, p 80).

Através do controle dos desejos podemos fazer escolhas buscando ações, ou seja, ações baseadas na excelência moral que são adquiridas pelo hábito. O pensador recomenda cinco traços essenciais em comum as excelências: primeiro o meio termo nas ações, em segundo disposições de caráter fundamentadas pela coragem, justiça e temperança, em terceiras realizações a partir de si, o quarto o poder de realizar e o quinto ações voluntárias conforme o sentido orientador prescreve.

Por fim, no quesito da ética, Aristóteles argumenta que na formação de valores o contexto familiar e o vínculo entre pais e filhos seriam importantes na formação do caráter da criança. Assim denotamos claramente que a educação institucional, ou seja, a do estado deveria ser passada aos cidadãos e por consequência esses cidadãos em segundo momento transmitirem em casa aos seus filhos os valores éticos:

Da mesma forma que os usos e os costumes têm força e influência dentro das cidades-estados, assim também terão força influência hábitos familiares, talvez até mais ainda dados o laço familiar e os benefícios conferidos, pois há de antemão amor dos filhos pelos pais e eles são naturalmente obedientes. (ARISTÓTELES, 2009, p. 243)

O que intuí-se em Aristóteles, que a boa ação dos cidadãos nas cidades-estados dependia de uma boa perícia política que seria adquirida, através da educação das crianças e dos jovens para que na vida adulta pudessem buscar uma vida feliz, por meio, de ações baseadas na excelência.

5. Educação das crianças recomendações práticas

Aristóteles recomendava que desde o nascimento uma criança devesse consumir o leite para que pudesse crescer com vigor físico adequado. E que até os cinco anos a criança não deveria se dedicar aos estudos, exercícios físicos forçados e ao trabalho, já que essas atividades poderiam atrapalhar seu crescimento ou deformar o corpo com eventuais lesões.

Até os sete anos a educação seria responsabilidade da família, mas a criança não poderia ser exposta aos maus exemplos dos pais ou serem educadas por escravos que eram chamados de paidagogos, que normalmente eram pessoas humildes e afastados dos costumes gregos, porque, esses poderiam ensinar hábitos que pudessem levar a criança a costumes errados como o ódio e o vício. Para o filósofo a boa educação ocorria principalmente pelo exemplo dos progenitores, do seu pajem e também pela rotina de hábitos bons a criança. Como nos relata o trecho abaixo:

As qualidades que são concedidas pela natureza precisam ser lapidadas pela educação aprendemos algumas coisas pela força do hábito e outras pela influência dos educadores. (ARISTÓTELES, 2011, p 256)

Mesmo assim Aristóteles percebia que muitas crianças que permaneciam nas casas de seus pais eram influenciadas com maus exemplos como: os palavrões, a obscenidade das ruas, em espetáculos de comédias sem que tivesse a uma idade apropriada para o evento. O estagirita apontava que essas situações eram negativas na formação das crianças que deveriam estar afastados dos vícios e demonstrações de ódio.

As atitudes inapropriadas perpetradas por adultos na presença de infantes deveriam ser castigadas com o rigor da lei prevendo inclusive o açoite em praça pública:

Um homem livre que seja apanhado dizendo ou fazendo algo proibido, ainda que seja muito jovem para ter o privilégio de sentar se a mesa nas refeições coletivas deve receber uma punição humilhante ou ser surrado e caso seja um idoso deverá receber um castigo

degradante equivalente a sua conduta, que terá sido a conduta de um escravo. (ARISTÓTELES, 2011, p 265)

Aristóteles recomendava que a partir dos sete anos as crianças deveriam ser educadas pelo estado, sendo assim, entregues a ginásios. As crianças regressariam para casa em alguns momentos do ano, como os períodos de festas religiosas. Nesses locais as crianças eram orientadas por inspetores que os gregos denominavam de paidotribes, cujo termo significava treinador de meninos e estes deveriam ter uma conduta impecável para seus perante seus educandos evitando a violência, o ódio, à vingança e a fanfarronice perante aos jovens e crianças.

Nessa primeira fase, os paidotribes seriam responsáveis por um treinamento atlético para as crianças. Os infantes de classes mais abastadas aprendiam esportes equestres, como: o hipismo e a corrida de bigas. Sobre esses esportes podemos supor que a família deveria ter condições de custear o cavalo e as indumentárias para o aluno. Para os menos abastados aprendiam esportes, como: corrida de duzentos metros à pé, salto em extensão, o lançamento de disco e dardo, o boxe e o pankration.

Também nessa fase inicial de formação das crianças deveriam ser iniciadas nas artes especificamente na música e um segundo momento na literatura. A música tinha o mesmo grau de importância comparada ao exercício físico. As crianças aprendiam as seguintes atividades musicais: o canto, o coral, a lira e aulus (espécie de oboé).

A literatura, os contos e as histórias narradas pelos inspetores deveriam reproduzir os melhores exemplos possíveis para que os infantes pudessem se espelhar no futuro.

A escrita também deveria ser trabalhada ainda na infância de maneira gradual, segundo Finley as crianças davam seus primeiros passos na escrita, orientadas por professores chamados de grammatistes, que a tradução significa aquele que ensina. Segundo o autor as crianças poderiam levar até três anos para começar a ler e escrever. Contudo segundo Finley não havia pressa para alfabetização dos infantes como se observa:

O progresso, portanto, era lento: demoravam-se três a quatro anos para aprender a ler, graças à técnica mecânica ainda posta em prática até o século XVII, nas escolas gregas sob o domínio Turco, e duradouro também no Ocidente. (Finley, 1998 p. 215)

Outra estratégia educacional utilizado pelos gregos era o uso do castigo físico contra a resistência de uma criança em aprender a ler, escrever ou comporta-se conforme os adultos recomendavam. Porém, Aristóteles não recomendava nenhum tipo de agressão física tanto por parte de pais quanto de professores.

O estagirita era extremamente contra a educação privada, pois entendia que a educação era um dever do governo e que todos deveriam receber a mesma educação. Como já foi abordada a educação para Aristóteles deveria estar engendrada com o sistema de governo da cidade.

O cidadão deveria ser educado em harmonia com a forma sob a qual vive, pois cada governo tem um caráter peculiar que o acompanha desde sua origem que ele preserva com o passar do tempo. (ARISTÓTELES, 2011, p 267)

O filósofo elogiava Esparta por tratar a educação como um dos principais assuntos dos políticos e com o objetivo da formação militarista, inversamente também criticava os espartanos que brutalizavam as crianças com exercícios forçados que poderiam formar indivíduos corajosos, fato que não ocorria, pois a coragem estava ligada a calma para tomar atitude certa. O pensador cita como exemplo o Leão. “[...] a coragem encontra-se associada, não ao temperamento de maior ferocidade, mas a calma que possui um Leão.” (ARISTÓTELES, 2011, p 267)

Afirmava ainda que os espartanos tiveram um sucesso educacional voltado ao militarismo, já que foram os primeiros a começar com esse tipo de educação voltada a formação do soldado, com o passar do tempo os rivais de Esparta também passaram a educar os jovens com exercícios físicos e técnicas militares superando os espartanos. Desse modo, Aristóteles concluiu que: o sucesso da educação militar não estava no modelo educacional espartano, mas apenas nas circunstâncias que eram treinados, em uma época em que os rivais não recebiam treinamentos.

Assim sendo Aristóteles concluía que uma educação ideal não poderia ter objetivo apenas do desenvolvimento físico, mas em primeiro lugar buscar o que era nobre.

6. Educação para jovens recomendações práticas

O filósofo não apontava o momento do início da juventude no período apenas relata que após três anos da entrada da criança nos ginásios a educação deveria ter um caráter formador mais sério, ou seja, a escrita, a ginástica e as artes deveriam deixar o estágio inicial para um segundo momento de regras bem estabelecidas e aprofundamento em todos os ramos.

Sobre a educação dos jovens recomendada por Aristóteles e analisada pelo historiador Moses Finley esta deveria estar pautada em quatro ramos de ensino para os jovens que são os seguintes: leitura e escrita; ginástica, música e o desenho. O estagirita entendia que existiam dois tipos de conhecimento aqueles voltados ao trabalho necessário para a manutenção da sobrevivência e outros conhecimentos voltados a diversão e ao deleite intelectual.

A leitura, escrita e o desenho, que seriam conhecimentos voltados ao trabalho, ou seja, que são úteis para o cotidiano e para o sustento do indivíduo na vida adulta. Em Atenas do século VI a.C., por exemplo, a literatura ganha uma espaço importante na educação do cidadão rivalizando em importância inclusive com as práticas esportivas e musicais. Por consequência, na juventude o estudante deveria aprofundar-se em seus estudos na escrita e na leitura sendo orientado por um professor chamado de *grammatikos*, o ensino era bem diferente da fase inicial das crianças, pois nessa fase os jovens deveriam ter contato com as obras de grandes escritores e poetas gregos com objetivo de aprimorar a gramática e a oralidade como denota-se no trecho abaixo:

Ser um grego culto era primeiro e acima de tudo, ser profundamente versado em Homero. Constituindo um legado do período arcaico, o conhecimento de Homero caracterizando a educação grega ao longo de sua história. (FINLEY, 217, 1998)

O sucesso dos *grammatikos* era tão grande que segundo Finley no século I a.C., foi compilado um manual elementar e resumido da “*techne grammatike*” escrito por Dionísio da Trácia, que ensinava em Rodes. O manual fez tanto sucesso que posteriormente foi complementado e ensinado até a Renascença. Basicamente o ensino desse manual estava estruturado nos

seguintes elementos de linguagem: substantivo, verbo, particípio, pronome, preposição, advérbio, conjunção pautado por uma definição e classificação minuciosa.

E depois da aprendizagem das definições dos elementos de linguagem os grammatikos completavam seu ensino com uma serie de exercícios para complementar o ensino teórico.

A gramática era seguida pelo ensino da retórica e pela dialética. Essas duas habilidades eram muito valorizadas principalmente em Atenas para que o jovem, ou seja, futuro cidadão pudesse defender suas ideias na ágora.

A ginástica seria importante para dotar o indivíduo de coragem, contudo, recomendava que essas atividades atléticas não fossem exageradas para não deformar o corpo dos jovens em desenvolvimento e não dotar o cidadão apenas de uma característica, por exemplo, o desenvolvimento físico, pois para o cidadão que desenvolvia apenas a parte física e negligenciava a intelectual se assemelhava aos trabalhadores, fato atribuído aos escravos, portanto considerado demérito a um grego que deveria buscar uma educação total. Como se percebe no próximo argumento:

De modo que os pais que impõe a ginástica aos seus filhos enquanto negligenciam as outras áreas de sua educação, fazem deles trabalhadores comuns, pois os leva a desenvolver uma única qualidade necessária a cidadania, e até mesmo nesse quesito fazemos inferiores aos outros. (ARISTÓTELES, 271, 2011)

Para o pensador a ginástica deveria ser ensinada e transformada em um hábito com o objetivo de dotar o corpo humano de saúde, naquele momento histórico os gregos já percebiam a importância da combinação do desenvolvimento intelectual para saúde da mente e também do desenvolvimento físico para salubridade do corpo.

Por outro lado, a música seria o conhecimento voltado para a diversão e para o prazer de suma importância para o relaxamento e descanso, mas o filósofo alertava que apesar da música ser voltada ao prazer, por consequência, os jovens aprenderiam com mais facilidade. Contudo, apesar da facilidade na aprendizagem das artes musicais estas deveriam ser ensinadas

com seriedade, pois não bastavam aprender de qualquer forma, os jovens deveriam ser bem ensinados para que pudessem desenvolver suas potencialidades musicais e saber tocar bem cada um dentro da sua possibilidade.

A música apesar de não ser na visão do pensador necessária para o sustento material deveria ser bem aprendida para satisfação intelectual e para diversão de extrema importância o deleite intelectual, pois a diversão seria uma das finalidades da vida. Como se percebe.

[...] a diversão é mais necessária do que nunca nas horas de trabalho compenetrado, pois aquele que se empenha no trabalho tem necessidades de relaxamento, enquanto o trabalho vem sempre acompanhado das tensões e do esforço, deveríamos introduzir a diversão apenas nas horas adequadas, e ela deve nos servir como um remédio, pois as emoções que ela faz sentir na alma contribuem para o relaxamento, e no prazer obtemos descanso. (ARISTÓTELES, 2011, p. 269)

Por isso, a música era importante na formação do sujeito, já que traria essa importante contribuição para o ser humano o descanso intelectual, assim a música deveria ser bem executada para os momentos de diversão. Mas outro ponto importante destacado pelo filósofo seria a importância do ócio que era o fim mais elevado do ser humano, pois o ócio vinha acompanhado de prazer, felicidade e satisfação não sendo acessível aos homens ocupados demais e sim por aqueles que têm tempo para o ócio.

Um tema bastante polêmico da educação grega era a pederastia, ou seja, o fato dos professores e alunos se envolverem afetivamente como relata Finley, contudo percebe-se que Aristóteles se colocava extremamente contra a esse fato. Como o relato abaixo:

[...] bem como toda a espécie de práticas sexuais entre homens. Pois estas práticas são o resultado em alguns casos da própria natureza, noutros, do mau hábito, como acontece com os que foram abusados desde a infância. (ARISTÓTELES, 2009 p. 157)

Achamos por bem, apenas citar a continuação da educação na vida adulta abordada por Finley, em Atenas após a conclusão dos estudos os jovens, já na vida adulta podiam optar por escolas filosóficas, sofísticas ou de medicina, contudo não podemos generalizar, pois se pode supor que não eram todos os jovens que continuavam em uma carreira acadêmica.

Em Esparta a formação militarista do ginásio ia até os 20 anos, a partir dessa fase os jovens deveriam estar disponíveis ao serviço militar até aos 30 anos e a partir desse momento o cidadão estava liberado para as atividades políticas, contudo, caso fosse necessário poderiam ser recrutados e só estavam dispensados do serviço militar a partir dos 60 anos.

7. Considerações finais

Após a análise dos textos e autores que debatem Aristóteles, denota-se que a educação para o filósofo era fundamental na formação do ser humano: para atuar na organização da cidade, na busca por atitudes pautadas pela excelência e no alcance da felicidade. Para o autor toda a organização social estava baseada na boa formação dos indivíduos.

A primeira recomendação importante era a preocupação com a educação desde a infância remontando o velho ditado popular “que é cedo que se torce o pepino”, ou seja, é desde os primeiros anos de vida que começa a educação de um indivíduo, mas não pelo meio da violência com as crianças e sim por meio de boas orientações e principalmente pelo exemplo. Para o pensador os maus exemplos perante os infantes deveriam ser tratados como um crime inclusive passível penalização prevista em lei, como, o açoitamento dos adultos com condutas repugnantes perante os pequenos.

Aristóteles preocupava-se com o desleixo de algumas famílias gregas, que relegavam aos escravos (pedagogos) a primeira fase da educação das crianças, pois era nesse momento que o caráter do sujeito começava a ser formado, portando maus exemplos perante as crianças refletiram nos futuros jovens e adultos.

Em um segundo momento a partir dos sete anos, a educação era responsabilidade do estado para Aristóteles era nesse momento que em que o futuro cidadão deveria ser formado, pois a educação deveria estar imbricada com a constituição da cidade e qualquer falha na formação dos cidadãos traria graves problemas para a pólis inclusive possibilidades de futuras revoluções.

Nessa fase inicial da educação institucional das crianças, estas deveriam ser educadas em um estabelecimento, que em algumas poleis era denominadas de ginásios. Era nesse momento que os alunos seriam apresentados aos esportes, aos primeiros contos e a escrita.

O que chama atenção no relato de Finley, sobre a educação grega, que não havia pressa na alfabetização das crianças elas poderiam levar até três anos para serem alfabetizadas, assim cada uma tinha seu ritmo, oposto que ocorre na atualidade em que devido às pressões das instituições

governamentais e até mesmo das próprias famílias as crianças são alfabetizadas as pressas ou muitas vezes os educandos são avançados mesmo sem ter um requisito mínimo para prosseguir em estudos mais aprofundados.

Também ainda na infância as crianças deveriam ter contanto com contos e poesias que possuíssem fundo moral positivo aos pequenos, pois a literatura também fazia parte da formação do caráter da criança, aqui cabe ressaltar uma breve diferença entre Aristóteles e seu professor Platão em relação a poesia e a literatura, este último denotava certo mal na poesia principalmente como relatado na obra (A República), pois segundo Platão as crianças e jovens não podiam ser educados por poesias e contos ilusórios. No entanto, Aristóteles considerava a poesia e a literatura, como, importantes aos infantes e posteriormente aos jovens desde que fossem histórias pautadas por atitudes virtuosas.

Na juventude, Aristóteles recomendava um aprofundamento nos estudos com a gramática, a aritmética e o desenho que o filósofo recomendava como disciplinas responsáveis para a manutenção da vida, pois seriam matérias necessárias ao sustento do adulto frente as ocupações cotidianas e a participação política.

As atividades físicas tinham um objetivo da preservação do físico, com o desígnio de manter o corpo saudável, porém, o estagirita recomendava certo cuidado com os excessos, já que o exercício em demasia poderia deformar o corpo.

A música deveria ser ensinada aos jovens para o deleite e a diversão, mas mesmo, assim a disciplina deveria ser ensinada com todo o rigor necessário aos jovens, já que muitas por terem mais facilidade poderiam aprender de forma displicente, e autor indicava que a música devesse ser ensinada com toda seriedade possível, pois ela tinha como objetivo a diversão que também deveria ser um dos objetivos principais de um cidadão juntamente com o ócio que para o ser humano tinha um fim em si mesmo, já que ofertava um tempo necessário para reflexões ou simplesmente o descanso físico e intelectual.

É isso que encanta nas recomendações aristotélicas, o compromisso sério com o conhecimento, com a cultura, com a diversão e principalmente com o ócio. Diferente da nossa sociedade, que enxerga nas atitudes citadas um desperdício de tempo. Já que o homem contemporâneo deve estar voltado ao trabalho, ao lucro ou estar ativo e “atenado” a uma série de informações transmitidas pelos diversos meios de comunicação na maioria das vezes essas informações são vazias em si. Perde-se tempo na atualidade com um “ócio improdutivo”, na qual se ficam horas em frente a aparelhos eletrônicos sem um único momento de reflexão, mas cada vez mais momentos de ócio individual e coletivo ficam em último plano.

Por fim, gostaríamos de encerrar nossa conclusão com esse importante pensamento sobre a educação na atualidade:

As técnicas educativas podem ser radicalmente modificadas pelo progresso das ciências humanas, especialmente da psicologia; mas foi o espírito da educação clássica que desempenhou um papel frutífero, e pode continuar a fazê-lo. Sua inspiração fundamental conserva um valor permanente, o de uma educação, uma cultura que tem por meta o treinamento do homem, do homem como tal. Do homem total, e não de um mero produtor-consumidor, um mero dente na engrenagem da economia industrial. (FINLEY, 1998 p. 228)

Acreditamos que o principal legado da educação Aristotélica, para humanidade como abordado no relato acima era: o compromisso em formar o sujeito não para ser uma mão de obra qualificada, como na atualidade transformando a educação apenas como uma moeda de troca para formação de um profissional ou um trampolim para uma ascensão social devido a uma melhor remuneração após a conclusão dos estudos. Pelo contrário, a formação grega e aristotélica estava baseada no princípio da Paideia, ou seja, a edificação plena do ser humano físico e intelectual. Totalmente oposta, a proposta governamental de nosso país de mirar na educação a formação peças de reposição para um mundo voltado ao trabalho.

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.
- _____. **POLÍTICA**. 6º ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- FINLEY, Moses. **O legado da Grécia Antiga. Uma nova avaliação**. Brasília: ED. UnB, 1998.
- HOURDAKIS, Antoine. **Aristóteles e a Educação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- JAEGER. Werner (Org.). **Paideia: a formação do homem grego**. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PLATÃO. **A República**. 2º ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- REALI, G; ANTISIEMI D. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003. Pág. 175-223.
- VERGNIÈRES, Solange. **Ética e Política em Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 1998.
- VERNANT, Jean Pierre. **As origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.